

O Papel da Música na Área do Empreendedorismo Criativo Enquanto Agente de Bem-Estar

Rafael Pinheiro Gomes Bandeira

(UNIFOR / rafaelpgbandeira@gmail.com)

José Milton de Sousa Filho

(Tec de Monterrey / miltonsousa@tec.mx)

Cláudio Azevedo Peixoto Junior

(UNIFOR / claudio.azevedo@unifor.br)

Anna Beatriz Grangeiro Ribeiro Maia

(UNIFOR / abgrmaia@unifor.br)

RESUMO:

A pandemia da Covid-19 intensificou desafios no mercado de trabalho, gerando altos índices de desemprego e insatisfação profissional. Diante desse cenário, este estudo analisa a trabalhabilidade e o empreendedorismo criativo, com foco específico no setor da música enquanto agente promotor de bem-estar. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou a aplicação de questionários prévios e a condução de três grupos focais com dezoito profissionais inseridos no mercado musical. A análise de dados seguiu a técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Os resultados demonstraram que, apesar dos fortes impactos financeiros e na saúde mental provocados pela crise sanitária, os indivíduos encontraram na música um pilar de sustentação psicológica e profissional. O estudo conclui que a música atua ativamente como agente de bem-estar, destacando-se a preferência unânime dos participantes por benefícios de natureza não pecuniária — como a satisfação pessoal, a autoexpressão e o estado de flow — em detrimento de vantagens exclusivamente financeiras, optando pela manutenção de suas atuações na economia criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo criativo, Economia criativa, Pandemia, Música, Bem-estar.

1. Introdução

O cenário contemporâneo do mercado de trabalho vem sofrendo fortes abalos decorrentes da evolução tecnológica. Como alertado pelo economista Rifkin (1995), o crescimento da inteligência artificial e a automação nos setores primário, secundário e terciário impulsionaram o chamado "Desemprego Tecnológico", substituindo o ser humano por máquinas inteligentes.

Esse quadro de instabilidade foi drasticamente agravado no início de 2020 pela pandemia da Covid-19 que, segundo Kuckertz et al. (2020), provocou uma dupla crise global: primeiro no sistema de saúde e, em seguida, na economia, ao interromper de forma abrupta grande parte das atividades comerciais.

No cenário mais recente, o mercado de trabalho brasileiro apresenta uma recuperação expressiva em comparação aos picos da pandemia: dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2026) revelaram que, no trimestre encerrado em janeiro de 2026, o contingente de desocupados recuou para 5,9 milhões de pessoas, enquanto o número de desalentados (indivíduos que desistiram de procurar emprego) situou-se em 2,7 milhões.

No entanto, no Brasil, os reflexos da pandemia foram severos: dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) revelaram que, no primeiro trimestre de 2021, o desemprego alcançou a marca de 14,7 milhões de pessoas, somando-se a um contingente de 6 milhões de desalentados (indivíduos que desistiram de procurar emprego).

Mesmo entre os que mantiveram seus vínculos empregatícios, a insatisfação é alarmante. A pesquisa cita dados da plataforma Glassdoor, evidenciando que 58% dos funcionários estão insatisfeitos com seus salários e 40% desaprovam a liderança de seus chefes. Schaufeli e Bakker (2004) atestam que essa desmotivação progressiva precede o declínio do bem-estar, resultando em estresse e transtornos mentais. Antes mesmo da pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já apontava o Brasil como o líder no ranking global de ansiedade, com mais de 18 milhões de casos.

Como contraponto a essa crise nos empregos tradicionais, surge o conceito de "trabalhabilidade", que, segundo Mirshawka (2016), é a capacidade do indivíduo de gerar seu próprio trabalho e renda, tornando-se um empreendedor criativo. Autores como Ageson (2008) destacam que o empreendedor criativo constrói a ponte entre o seu talento apaixonado e o mercado. Ademais, Asheesh Advani, CEO da Junior Achievement Worldwide (citado por Farrel, 2019), prevê que a juventude atual terá, em média, mais de 20 empregos ao longo da vida, abrindo espaço para que áreas outrora vistas como hobby — a exemplo da música, culinária e design — tornem-se ocupações oficiais e rentáveis.

Diante da necessidade de buscar alternativas ocupacionais e do potencial curativo atestado pela literatura, a pesquisa levanta a seguinte questão central: Como o empreendedorismo criativo, mais especificamente o setor criativo da música, pode atuar como um agente de bem-estar?

Objetivo Geral: Analisar o empreendedorismo criativo, mais especificamente no setor da música, como agente de bem-estar. Objetivos Específicos: (1) Analisar as relações entre música, empreendedorismo criativo e bem-estar; (2) Analisar trajetórias e comportamentos de profissionais da área da música que sofreram impactos provocados pela pandemia do novo

coronavírus; (3) Analisar as alternativas encontradas por estes profissionais – dentro do campo da música e da Economia Criativa – para o enfrentamento de problemas como desemprego e insatisfação no trabalho.

O estudo justifica-se pela necessidade urgente de encontrar vias alternativas ao cenário de subutilização da força de trabalho apontado pelo IBGE (2021) e à substituição da mão de obra atestada pela FIRJAN (2019). Tendo em vista as definições da UNESCO sobre a força econômica da cultura, a pesquisa mostra-se socialmente relevante ao explorar como o comportamento empreendedor no ramo musical atua não apenas como saída financeira, mas como ferramenta vital na busca por saúde mental e por uma condição de vida satisfatória.

2. Fundamentação Teórica

A base teórica deste estudo constrói-se na intersecção entre o empreendedorismo (e seus benefícios não financeiros), os conceitos psicológicos e subjetivos de bem-estar, e as funções curativas e sociais da música dentro do escopo da economia criativa.

2.1 Empreendedorismo e Seus Benefícios Não Pecuniários

A evolução teórica do empreendedorismo perpassa abordagens econômicas, sociais e de gestão, contando com autores clássicos como Jean Batist Say e Joseph Schumpeter, que em 1934 e 1959 definiu o empreendedor como o principal agente do processo de "destruição criativa".

Segundo Landstrom e Benner (2010), a pesquisa em empreendedorismo divide-se historicamente em três eras principais: a Econômica (com destaque para a tradição Schumpeteriana e a visão de assumir riscos perante a incerteza), a era das Ciências Sociais (impulsionada por McClelland na década de 1960, focando nos valores e traços sociológicos da sociedade), e a era dos Estudos de Gestão.

Nesta última, teóricos como Stevenson e Jarillo (1990) encaram o empreendedorismo não apenas como abrir novas empresas, mas como o processo dinâmico de buscar oportunidades sem levar em conta os recursos que se controlam atualmente.

Para o escopo deste estudo, adota-se a definição explícita de Hisrich e Peters (2004), que enxergam o empreendedorismo não apenas como o processo dinâmico de criar algo novo assumindo riscos, mas também como um meio de colher recompensas que se traduzem primariamente em satisfação pessoal.

A literatura contemporânea, sustentada por pesquisadores como Carter, Gartner, Shaver e Gatewood (2003) e Benz e Frey (2008), supera a premissa de que os empreendedores são motivados apenas pelo dinheiro, destacando o papel essencial da renda psicológica, da satisfação e da independência.

Em concordância, a pesquisadora Milena Nikolova (2019) atesta que a transição para o chamado "empreendedorismo por oportunidade" resulta em melhorias mensuráveis na saúde física e mental, independentemente de haver mudanças na renda.

Complementando essa visão, Shir (2015) argumenta que o bem-estar empreendedor é um fenômeno afetivo-cognitivo; ou seja, é um estado mental diferenciado que reflete julgamentos positivos e bons sentimentos gerados pelo próprio envolvimento e engajamento no processo de criação do negócio.

2.2 O Empreendedorismo Criativo e a Teoria do Flow

Antes de adentrar na psicologia dos profissionais criativos, é vital definir o ambiente em que operam: a Economia Criativa. No contexto das Indústrias Criativas, o ato de empreender dialoga intimamente com a Teoria do Flow (Fluxo), desenvolvida em 1963 pelo psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (1997).

Em seus estudos, Csikszentmihalyi (1997) constatou que, ao executarem tarefas que consideram intrinsecamente prazerosas e motivadoras, profissionais artísticos como músicos e pintores atingem um estado de concentração tão pleno e profundo que perdem a noção do tempo, esquecendo-se inclusive de necessidades físicas básicas, transcendendo as lógicas tradicionais de recompensa material.

2.3 Bem-Estar: O Hedônico e o Eudaimônico

A pesquisa fundamenta-se na diferenciação de duas correntes principais do bem-estar. O bem-estar subjetivo (hedônico), alicerçado nas conceituações de Diener (1984), foca naquilo que leigos chamam de felicidade, ou seja, a experimentação frequente de afetos positivos, a redução de dores e a satisfação global com a própria vida.

Já o bem-estar psicológico (eudaimônico), fortemente embasado na filosofia de Aristóteles e nos estudos modernos de Waterman (1993) e Ryff (1989), transcende o mero prazer instantâneo. Para Waterman (1993), esse bem-estar envolve o desenvolvimento ativo do potencial do indivíduo, sua expressividade pessoal, sua autonomia e a construção de um propósito.

Aprofundando essa visão eudaimônica, os estudos de Ryff (1989) e Ryff e Keyes (1995) propõem que um indivíduo com alto bem-estar psicológico apresenta obrigatoriamente seis elementos fundamentais: autoaceitação, relação positiva com os outros, autonomia, controle do ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal.

No contexto da Economia Criativa, a natureza de auto-organização do empreendedorismo permite que o indivíduo cultive ativamente essas dimensões de saúde mental, pois ele detém o poder autônomo de escolher "o quê, quando e com quem trabalhar", construindo e fortalecendo suas próprias redes sociais (Stephan, 2018).

2.4 A Música e Seu Papel Terapêutico

A música possui uma interdisciplinaridade sistêmica, conectando-se a variados campos do conhecimento humano, como detalhado pelo modelo de Eagle em 1996, que abrange da biologia e sociologia até a física e a filosofia.

Isso é detalhado pelo modelo de Eagle (1996) e analisado por Hodges e Sebald (2011), que demonstra que a música atua transversalmente na biologia (através de respostas motoras e cerebrais à acústica), na sociologia (pela forte capacidade de mediar interações sociais) e na psicologia (sendo objeto de estudo de correntes cognitivistas, humanistas e psicanalíticas que tentam compreender a experiência musical humana).

Complementarmente, o antropólogo Merriam (1964) elenca dez funções centrais da música, evidenciando a sua importância na expressão emocional e na integração das sociedades. No âmbito clínico e da saúde, os pesquisadores MacDonald, Kreutz e Mitchell (2012) provam que a música é um recurso universal com sólidas implicações de cura.

Essas funções vão muito além do entretenimento isolado, englobando também a comunicação, a expressão emocional profunda, a validação de instituições sociais, as respostas físicas e a contribuição direta para a continuidade e a integração do homem na sociedade.

Segundo as conclusões de Areias (2016), a inserção musical estimula a liberação de endorfinas na hipófise, apresentando uma potente ação analgésica que melhora de imediato o humor. Isso é corroborado por Schubert (2009), que afirma que a natureza subjetiva da música se correlaciona diretamente com a geração de prazer nas rotinas humanas. Estudos paralelos de Bradt e Dileo (2009) e Maratos et al. (2008) também sustentam o impacto direto e positivo da música no alívio de quadros de estresse, depressão e ansiedade.

Nessa mesma esteira curativa, Standley (1986) sugere que o mecanismo fundamental pelo qual a música produz efeitos positivos nos tratamentos de saúde reside no seu papel contínuo de reduzir sentimentos de ansiedade e sensação de isolamento nos indivíduos.



Figura 1. Modelo descritivo da interdisciplinaridade da psicologia da música de Eagle, 1996

Fonte: Adaptada pelo autor a partir de Hodges e Sebald (2011).

3. Método de Pesquisa

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa estritamente qualitativa. Apoiando-se nos pensamentos clássicos de Comte (1830, 1842) e Poupart et al. (2008), o trabalho utilizou a observação dos fatos como base sólida para acessar o comportamento humano.

Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa exige que os indivíduos sejam olhados holisticamente em seu ambiente natural, sem reduzi-los a meras variáveis numéricas. Trata-se de uma abordagem multimetodológica, interpretativa e naturalística, como definido por Denzin e Lincoln (1994), que compreende a realidade como uma construção social moldada pelos significados e vivências socioculturais dos indivíduos (Creswell, 2010; Flick, 2009; Gil, 1999; Vergara, 1997).

A principal ferramenta de coleta foi o Grupo Focal. De acordo com Morgan (1997), essa técnica acessa dados a partir da interação grupal focada em um tópico específico. A escolha justifica-se pela atestação de Morgan (1992) de que a interação entre os pares diminui as chances de os informantes fornecerem respostas "prontas" ou ensaiadas, comuns em entrevistas individuais. Para mitigar as limitações logísticas (como o não comparecimento de minorias ou pessoas com agendas difíceis, alertadas por Gaskell, 2002), e em virtude das restrições da pandemia, os grupos ocorreram integralmente em ambiente online.

A pesquisa enquadrou-se na modalidade vivencial (Fern, 2001), priorizando o compartilhamento de experiências similares, e foi do tipo autorreferente (Morgan, 1997), significando que a própria dinâmica gerada serviu como base primária dos dados. Como técnica complementar preparatória, aplicou-se primeiramente um questionário prévio a 23 pessoas (com perguntas sobre tempo de atuação, impactos da pandemia e fatores estressores) com o intuito de ambientar o mediador nos contextos dos participantes.

Dos 23 respondentes iniciais, 18 (cinco mulheres e 13 homens) avançaram para os grupos focais. Eles foram divididos simetricamente em três grupos de seis membros, baseados em seus níveis de imersão profissional:

- Grupo 1: Profissionais da música que não são musicistas de palco (ex: jornalista/curador, fotógrafo de discos, roadie, gestora de estúdio).
- Grupo 2: Musicistas que operam primariamente na música, mas diversificam suas atuações nos bastidores (ex: professores, produtores de trilha para cinema, designers).
- Grupo 3: Musicistas que conciliam a arte com carreiras não musicais (ex: advogados, analistas de sistemas, professores de concurso, tatuadoras).

Cada sessão durou, em média, noventa minutos. Um diferencial metodológico do estudo foi a condução dos grupos focais por um musicoterapeuta profissional convidado. A literatura (Bunt & Hoskyns, 2002; MacDonald et al., 2012) afirma que este profissional possui uma escuta clinicamente sofisticada para processos de comunicação musical, o que garantiu uma leitura profunda das falas. O autor da dissertação atuou estritamente como elaborador do roteiro e observador silencioso durante as sessões.

O tratamento dos dados baseou-se inteiramente na clássica técnica de Análise de Conteúdo estruturada pela pesquisadora Laurence Bardin (1977, 2010), que busca rigor sistemático ao descrever e categorizar discursos heterogêneos através de inferência. O método cumpriu rigorosamente as três fases de Bardin:

1. **Organização:** Aplicação do questionário prévio para mapear o terreno e avaliar o conteúdo disponível.
2. **Codificação:** Definição das unidades de análise, onde os relatos nos grupos focais formaram as unidades de contexto, e a "música" figurou como a unidade de registro central das falas.
3. **Categorização:** O cruzamento das falas com a literatura resultou na divisão de nove categorias analíticas distintas — cinco voltadas aos impactos da Covid-19 e quatro focadas na relação entre música e bem-estar psíquico.

4. Análise dos Resultados

Os achados da pesquisa originaram nove categorias de análise, divididas em dois eixos alinhados aos objetivos específicos: Impactos da Pandemia e a Relação Música versus Bem-Estar.

Tabela 1. *Categorias de análises*

Objetivos Específicos	Categoria de Análise	Origem	Referência
Impactos da Pandemia	Mudanças Positivas	Coleta de Dados dos Grupos Focais	Dados
Impactos da Pandemia	Desafios de Adaptação	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	MacDonald et al. (2012) / Dados
Impactos da Pandemia	Impactos não tão fortes por conta da natureza do negócio com a música ou por conta da presença de um outro negócio	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Farrel (2019) / Dados
Impactos da Pandemia	Dificuldades Financeiras	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Kuckertz et al. (2020) / Dados
Impactos da Pandemia	Problemas com Saúde Mental	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Bradt e Dileo (2009), Maratos et al. (2008), Siedliecki e Good (2006), citado por Chin e Rickard (2014 a) / Dados
Relação Música X Bem-Estar	Associação dos Atos de Ouvir e/ou Tocar Música À Uma Experiência Positiva	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	MacDonald (2013), Spintge e Droh (1992) / Dados
Relação Música X Bem-Estar	Relações das Remunerações dos Trabalhos com Música e em outras Áreas	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Nikolova (2019), Bens e Frey (2008), Hundley (2001), Sherman et al. (2016) / Dados
Relação Música X Bem-Estar	Associação do Trabalho com Música com Algum Fator Estressor	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Bradley e Roberts (2004), Van Praag e Versloot (2007), Parker (2009), Häusser et al. (2010), Baron e Shane (2007) / Dados
Relação Música X Bem-Estar	Benefícios e Dificuldades na Atuação na Área da Música	Literatura/Coleta de Dados dos Grupos Focais	Binder e Coad (2013), Stephan e Roesler (2014), Hargreaves et al. (2012), MacDonald et al. (2012), Luck (2014), Areias (2016) / Dados

Fonte: Elaborada pelo autor.

Eixo 1: Impactos da Pandemia

Mudanças Positivas e Adaptação: Paradoxalmente, a crise pandêmica permitiu o impulsionamento digital de alguns negócios. O participante P9, membro do Grupo 2, relatou que sua produtora cresceu no momento em que não pôde atuar nos palcos, conseguindo investir mais tempo nos bastidores.

Esse cenário foi corroborado pelo participante P1 (Grupo 1), que afirmou: "O impacto aqui foi positivo, já que o mundo digital ficou mais em evidência. [...] e eu já fazia trabalho em home office há longos anos, então a minha realidade virou a do resto do mundo".

Já a transição abrupta exigiu flexibilidade técnica, exemplificada pela fala da participante P11 (Grupo 2), que teve de buscar ferramentas e inserir com urgência a modalidade de aulas de música virtuais na grade de sua escola.

Essa necessidade de resiliência e adequação também foi manifestada pelo participante P4 (Grupo 1), que definiu a "adaptação pro mundo virtual" como o seu maior impacto, e pelo participante P3 (Grupo 1), que perdeu 100% de sua agenda e focou na reorganização e no estudo de novas tendências. A literatura de MacDonald et al. (2012) sustenta esse movimento ao afirmar que o desenvolvimento da criatividade é um benefício direto e inerente ao próprio ensino e vivência da música.

Impactos Mitigados por Natureza Plural: Indivíduos que dividiam o tempo com outras carreiras sentiram o abalo financeiro com menos força. O participante P18 (Grupo 3), por exemplo, atenuou as perdas monetárias por ser também advogado e atuar no ramo de artefatos em metais, afirmando que financeiramente não sofreu tanto quanto a média dos brasileiros. Da mesma forma, o participante P10 (Grupo 2) relatou segurança por trabalhar com projetos criativos de duração longa, focados em trilhas sonoras para o cinema, que levam cerca de dois anos para estrear.

Essa pluralidade ocupacional reflete as projeções de Farrel (2019), que atesta que os jovens e profissionais atuais terão, em média, mais de 20 empregos ao longo de suas carreiras, diversificando suas fontes de renda e atuação.

Dificuldades Financeiras e Abalo Mental: Confirmando os pressupostos teóricos de Kuckertz et al. (2020) sobre a paralisia socioeconômica e a interrupção abrupta do mercado, os participantes P13 e P16 (Grupo 3) lamentaram orçamentos zerados, ausência de remuneração fixa e readequações dramáticas da própria estrutura de vida. A participante P17 (Grupo 3) resumiu a situação afirmando que "O financeiro [ficou] instável, a renda caiu bastante". Aliado a isso, os danos do isolamento recaíram severamente na mente humana, fato admitido de forma direta pela participante P15 (Grupo 3), que declarou estar com a "saúde mental abalada", e pelo participante P12 (Grupo 2), que apontou o "Isolamento Social" como a maior ferida da crise. Esse abalo reflete a pesquisa do Ministério da Saúde (2020), que revelou que 86,5% dos brasileiros apresentaram traços de ansiedade no período pandêmico. Nesse contexto, a literatura de Rickard e McFerran (2012) reforça a urgência de utilizar a música como ferramenta mitigadora, devido ao seu impacto comprovado sobre sintomas de doenças mentais.

Eixo 2: A Relação entre Música e Bem-Estar

Associação a Experiências Positivas: A totalidade dos participantes (100%) uniu a experiência de ouvir e tocar música a efeitos de regulação de humor, o que legitima na íntegra as visões teóricas de Spintge e Droh (1992) sobre a história do valor curativo da arte, que documenta seus efeitos desde 4000 a.C. . Essa função de cura foi destacada na literatura por MacDonald (2013), que classifica o ato de ouvir música como "um tipo informal de terapia automedicada" capaz de regular o humor. Na prática, isso foi validado pelo participante P4 (Grupo 1), que atestou o poder da música de "transformar energias [...] alegrar quando se está de baixo astral, ou acalmar quando se está nervoso". Para o participante P9 (Grupo 2), exercer sua profissão gera "uma felicidade inexplicável", enquanto o participante P16 (Grupo 3) associou a música diretamente a "Satisfação, regozijo, alegria, completude, sentido de identidade".

A Força dos Benefícios Não Pecuniários (Remuneração vs. Paixão): A predileção pelo trabalho com propósito sobressaiu à remuneração. O participante P12 (Grupo 2) explicou essa dinâmica afirmando que "Se a gente tivesse essa relação tão forte com o dinheiro, talvez a gente deixasse de fazer várias coisas que a gente faz por amor". O participante P10 (Grupo 2) atestou sem ressalvas que "A minha ostentação é viver de música", pontuando que a criação é o seu local primário de completude. A participante P11 (Grupo 2), que chegou a deixar o meio do Direito, atestou preferir ganhar um salário menor na música se for fazendo o que gosta e faz sentido. O participante P13 (Grupo 3) corroborou essa visão ao narrar que recusa ótimos salários em outros projetos por saber que "não iria se entregar de coração". De forma contundente, o participante P14 (Grupo 3) confessou: "No dia que eu conseguir trocar o estudo jurídico pelo estudo musical, e isso – financeiramente – for algo que compense, eu não penso duas vezes". As falas confirmaram a proposição da pesquisadora Nikolova (2019) e de Bens e Frey (2008), demonstrando que o ganho vital nas carreiras autônomas criativas é marcadamente não pecuniário e ligado à liberdade de ser o próprio chefe.

A Origem dos Fatores Estressores: Diferenciando-se das hipóteses literárias clássicas sobre estresse apontadas por Bradley e Roberts (2004) – como ansiedade e excesso de pressão na função –, os músicos culpam fatores alheios à sua arte. Os participantes P9 e P11 (Grupo 2) foram taxativos ao elencar a falta de compromisso, os atrasos de prazo de pagamento e a histórica desvalorização da cultura por parte dos contratantes e do poder público como os únicos verdadeiros gatilhos de exaustão mental. O participante P16 (Grupo 3) lamentou que "Por diversas vezes, o contratante piora as condições de trabalho do músico [...] não praticando uma política de remuneração proporcional". Essa peculiaridade ocorre porque, como explicam os autores Baron e Shane (2007) e Häusser et al. (2010), os empreendedores percebem os estressores do trabalho como menos desgastantes justamente porque não estão seguindo um conjunto de regras prescritas por terceiros, tendo autonomia sobre sua própria operação.

A Validação Empírica da Teoria do Flow: A literatura psicológica de Csikszentmihalyi (1997) materializou-se categoricamente nos dados da amostra: 84,7% dos participantes definiram "trabalhar com o que dá prazer" como o maior benefício do negócio autônomo, seguido por 69,2% que priorizaram a "liberdade para fazer seus próprios horários". Esse engajamento que gera satisfação é a essência do bem-estar defendido por Binder e Coad (2013). O depoimento do participante P1 (Grupo 1) chamou a atenção: ele recordou que quando era programador de informática vivia deprimido e "torcia para o tempo passar", mas

ao migrar para a música encontrou a cura na rotina, de modo que "não via o tempo passar". O distanciamento da arte gera sofrimento evidente: o participante P7 (Grupo 2) afirmou sentir-se "rasgado" quando tentou prestar concursos públicos, pois nenhuma outra área dialogava com ele. O participante P8 (Grupo 2) chegou a confessar que sempre que tenta ficar distante da música sente um estado de depressão instaurar-se, e P9 confirmou que a ausência musical o deixa "mal, triste", e o retorno lhe traz paz. Tais vivências validam integralmente a tese de Csikszentmihalyi (1975) de que profissionais apaixonados abdicam de recompensas materiais pela experiência inestimável de desempenhar ações que dão sentido absoluto às suas vidas.

Aumento da Rede de Relacionamentos: Como impacto social último 100% dos entrevistados confirmaram que o trabalho com a música contribuiu diretamente para o crescimento de suas redes de relacionamentos. Tal unanimidade valida as perspectivas de pesquisadores como MacDonald, Kreutz e Mitchell (2012), que sustentam ser a música uma atividade irrevogavelmente social por natureza, sendo as funções sociais da música imensamente importantes para ligar pessoas individualmente ou em grandes reuniões de comunidade.

5. Conclusões

A pesquisa atingiu seus objetivos ao evidenciar as trajetórias dos profissionais criativos afetados pela crise pandêmica, bem como as alternativas operacionais encontradas por eles. Respondendo à problematização principal, o trabalho provou categoricamente que o empreendedorismo criativo musical atua como um agente ativo de bem-estar. A música forneceu sustentação psicológica durante a pandemia, seja pela regulação do humor ou pelo sentimento de realização (eudaimonia) através da autoexpressão, impedindo um adoecimento mental maior nos profissionais pesquisados.

A principal contribuição teórica e mercadológica do estudo é a comprovação prática de que os profissionais modernos buscam ativamente uma predileção por benefícios de natureza não pecuniária. A constatação empírica de que os indivíduos preferem manter-se em um setor financeiramente mais instável para preservar sua felicidade e sua saúde mental é de extrema relevância para os estudos contemporâneos sobre gestão e saúde laboral (MacDonald, 2013).

As limitações envolveram o fato de a correlação estrita entre empreendedorismo, música e bem-estar em um contexto de crise global ser um tema altamente recente e com marcante heterogeneidade na literatura, dificultando a construção de comparações teóricas rígidas (MacDonald et al. 2012).

Tendo em vista a amplitude do conceito de "Economia Criativa", recomenda-se que novas pesquisas explorem a relação do bem-estar também em outros setores criativos (como gastronomia, moda, artes cênicas, cinema, e design), assim como no empreendedorismo em setores não criativos (tradicionais), a fim de verificar se o estado de flow e as vantagens não pecuniárias se manifestam na mesma magnitude verificada entre os músicos.

Referências

- Aageson, T. H. (2008). *Cultural entrepreneurs: Producing cultural value and wealth*.
- Areias, J.C. (2016). *A música, a saúde e o bem-estar*. Nacer e Crescer. Revista de pediatria do centro hospitalar do porto ano 2016, vol XXV, n.o 1.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Baron, R., & Shane, S. (2007). *Entrepreneurship: A process perspective*: Cengage Learning.
- Benz, M., & Frey, B.S. (2008). Being independent is a great thing: Subjective evaluations of self-employment and hierarchy. *Economica*, 75(298), 362-383.
- Binder, M., & Coad, A. (2013). Life satisfaction and self-employment: A matching approach. *Small Business Economics*, 40(4), 1009-1033.
- Bradley, D. E., & Roberts, J. A. (2004). Self-Employment and job satisfaction: Investigating the role of self-efficacy, depression, and seniority. *Journal of Small Business Management*, 42(1), 37-58.
- Carter, N. M., Gartner, W. B., Shaver, K. G., & Gatewood, E. J. (2003). The career reasons of nascent entrepreneurs. *J. Bus. Ventur*, 18, 13-19.
- Chin, T. C., & Rickard, N. S. (2014a). *Beyond positive and negative trait affect: Flourishing through music engagement*. *Psychology of Well-Being*, 4(1), 25.
- Comte, A. (1830, 1842). *Curso de filosofia positiva*.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e mistos* (3ª ed.). Artmed.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). *Finding flow*. Basic.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (1994). *Hand- book of qualitative research*. Sage.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575
- Farrel, L. (2019). *Atitude empreendedora*. Sextante.
- Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. (2019). *Mapeamento da indústria criativa no Brasil*. Rio de Janeiro: FIRJAN.
- Fern, E. F. (2001). *Advanced focus group research*. Sage Publications.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.). Artmed.
- Florida, R. (2011). *A ascensão da classe criativa*. L&PM.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In G. Gaskell, & M. W. Bauer (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Vozes.
- Gil, A. C. (1999). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Godoy, A. (1995). Introdução a pesquisas qualitativas e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35, 62.

- Hausser, J. A., Mojzisch, A., Niesel, M., & Schulz-Hardt, S. (2010). Ten years on: A review of recent research on the job Demand–Control (-Support) model and psychological well-being. *Work & Stress*, 24(1), 1-35.
- Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2004). *Empreendedorismo* (5ª ed.). Bookman.
- Hodges, D. A., & Sebald, D. C. (2011). *Music in the human experience: an introduction to music psychology*. Routledge.
- Howkins, J. (2001). *The creative economy – How people make money from ideas* penguin group incorporated.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2019. *Brasil tem 134 milhões de desempregados no 1º trimestre*. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/6232765/brasil-tem-134-milhoes-de-desempregados-no-1-trimestre-indica-ibge>
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2026. *PNAD Contínua: taxa de desocupação fica em 5,4% no trimestre encerrado em janeiro*. Rio de Janeiro: Agência de Notícias IBGE, 05 mar. 2026. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 09 mar. 2026.
- Kuckertz, A., Brändle, L., Gaudig, A., Hinderer, S., Reyes, C. A. M., Prochotta, A. & Berger, E. S. (2020). Startups in times of crisis – A rapid response to the Covid-19 pandemic. *Journal of Business Venturing Insights*, 13(e00169), 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.jbvi.2020.e00169>.
- Landstrom, H., & Benner, M. (2010). Entrepreneurship research: A history of scholar migration. In H. Landstrom, & F. Lohrke. *Historical foundations of entrepreneurship research*. Edward Elgar.
- MacDonald, R. A. R., Kreutz, G., & Mitchell, L. A. (2012). *What is music health and wellbeing and why is it important*. In R. A. R. MacDonald, G. Kreutz, & L. A. Mitchell (Eds.), *Music, health and wellbeing* (pp. 3 12). Oxford: Oxford University Press.
- MacDonald, R. A. R. (2013). Music, health, and well-being: A review. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 8.
- Mcclelland, D. C. (1961). *The achieving society*. van Nostrand.
- Merriam, A. O. *The anthropology of music*. Northwestern University Press, 1964.
- Mirshawka, V. (2016). *Economia criativa: Fonte de Novos Empregos: prática de gestão e casos brasileiros* (vol. 1). DVS Editora.
- Morgan, D. L. (1992). *Caregiver relationships: An exploration using focus groups*.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research*. Sage.
- Nikolova, M. (2019). Switching to self-employment can be good for your health. *Journal of Business Venturing*, 34, 664-691.
- Poupart, J., Deslauriers, J-P., Groulx, L-H., Laperierre, A., Mayer, R., & Pires, A. (2008). *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes.
- Rickard, N. S., & McFerran, K. (2013). Lifelong engagement with music: Benefits for mental health and well-being. *Fine Arts, Music and Literature*.

- Riff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of Psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1069-1081.
- Riff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719- 727.
- Rifkin, J. (1995). *O Fim dos Empregos: O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. Makron Books.
- Schaufeli, W. B., & Bakker, A. B. (2004). *Job demands, job resources and their relationship with burnout and engagement: A multi-sample study*. *Journal of Organizational Behavior*.
- Schubert, E. (2009). The fundamental function of music. *Musicae Scientiae*, 13(2 suppl), 63-81.
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Transac on.
- Schumpeter, J. (1959). Manager and entrepreneurs: A usefull distinction. *Administrative Science Quarerly*, 42, 429-51.
- Shir, N. (2015). Entrepreneurial well-being: The payoff structure of business creation. [Master's thesis, Stockholm School of Economics, Stockholm].
- Standley, J. M. (1986). Music research in medical/dental treatment: Meta-analysis and clinical applications. *Journal of Music Therapy*, 23(2), 56-122.
- Stephan, U. (2018). Entrepreneurs' mental health and well-being: A review and research agenda. *Academy of Management Perspectives*, 32(3), 290-322.
- Steveson, H. H., & Jarillo, J. C. (1990). A paradigm of entrepreneurship: entrepreneurial management. *Strategic Management Journal*, 11(4), p. 17-27.
- Vergara, S. M. (1997). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. Atlas.
- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 678-691.